ISSN 2448-1165
Campo Grande | MS
Vol. 23 | Nº 46 | 2019

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS - UFMS

Lá Pietá: o Diabo é mulher e mãe piedosa!

Lá Pietá: the Devil is a godly woman and mother!

Salma Ferraz[1]

Resumo: O presente artigo analisa a presença do Diabo em sua forma feminina nos contos infanto-juvenis *Tereza Bicuda* (1988), de Ciça Fittipaldi, e no conto A diaba e sua filha (2000), da francesa Marie Ndiaye.

Palavras-chave: Teologia; Demonologia; Literatura infantil; Diabo; Diaba.

Abstract: This article analyzes the presence of the devil in female form in tales for children and young *Tereza Bicuda* (1988) by Ciça Fittipaldi, tale *A diaba e sua Filha* (2000) by Marie Ndiaye.

Key Words: Theology; Demonology; Children's Literature; devil demoness

O Diabo é a figura mais dramática da história da alma.

Eça de Queirós, *Prosas Bárbaras*

[1] Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. É Livre Docente em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. E-mail: salmaferraz@gmail.com.

Ilustração 1, *Lúcifer de Liège*

1. **O Diabo é *teen***

Em artigo intitulado O Diabo na literatura para crianças (2008), analisei a presença do Diabo como protagonista em contos clássicos da literatura universal, dentre eles: *Os três cabelos de Ouro do Diabo (1812),* Irmãos Grimm, *O Moinho do Diabo* (1805 – 1875), H. C. Andersen; *Carvões para a lareira do Diabo* (conto irlandês) e *A criança vendida para o Diabo* (conto francês). Em outro artigo, denominado *O Diabo é teen (2013),* estudei o protagonismo do diabo nos contos destinados ao público adolescente, como *a figura mais dramática da história da alma* foi retratada em clássicos para adolescentes, especialmente nos clássicos: O *Arquidiabo Belfegor*, de Niccoló Machiavelli

*(*1518), *O Diabo no Campanário*, de Edgar Allan Poe (1839) e *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, de C. S. Lewis (1942).

Ilustração 2

Os três cabelos de ouro do Diabo

Como se pode constatar, o Diabo é matéria não só da literatura escrita para adultos, mas para literatura escrita para crianças e adolescentes, embora essa distinção esteja já ultrapassada.[2] Mas há um mercado que produz e cataloga esses livros com essa divisão e não podemos fugir disso. O que analisei nos artigos aqui citados foi apenas uma amostragem da riqueza desse personagem que se oferece com uma caixa de Pandora e que tem sido explorado pela História, pela Teologia, pela Literatura Clássica, pela Literatura escrita para adultos e pela Literatura lida/acessada por crianças e adolescentes. Sem mencionar o seu sucesso no teatro e nas artes. No cinema norte-americano, o Diabo protagoniza dezenas de filmes, sendo os mais famosos: *A*

[2] Cabe relembrar aqui a consagrada crítica de Carlos Drummond de Andrade em *Confissões de Minas:* "**O gênero 'literatura infantil' tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil?** A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito adulto? [...] Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância?" (Negrito nosso).

Lenda, de Ridley Scott (1985)*, O Advogado do Diabo*, de Taylor Hackford (1997)*, Coração Satânico*, de Alan Parker (1987)*, O Fim dos Dias*, de Peter Hyams (1999)*, Endiabrado*, de Harold Ramis (2000)*, Constantine*, de Francis Lawrence (2005)*, As Bruxas de Eastwick*, de George Miller (1987)*, O Diabo disse Não*, de Ernst Lubitsch (1943), e *O Julgamento do Diabo*, de Alan Smithee (2007). No cinema brasileiro, o Diabo é estrela de dezenas de filmes e na impossibilidade de citar todos, remetemos o leitor para a dissertação de Mestrado *O Diabo Também é Brasileiro*: a figura de Satanás no cinema nacional, de Felipe do Monte Guerra (USP, 2011).

Como uma pequena amostragem das obras clássicas mais conhecidas que trazem como protagonista o chamado *rebelde dos dois milênios,* podemos citar: *O Paraíso Perdido* (1667), de John Milton, *A Divina Comédia* (1304-1308), de Dante Alighieri, *A conversão do Diabo* (1871-1919), de Leonid Andreiev, *Auto da Barca do Inferno* (1517), de Gil Vicente, o conto O Senhor Diabo *(*editado em 1903), de Eça de Queirós, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago, *Macário* (1852), de Álvares de Azevedo, *As Litanias de Satã* (1857), de Charles Baudelaire, A Igreja do Diabo (1884) e O Sermão do Diabo (1893), de Machado de Assis, *Grande Sertão:* Veredas (1956), de Guimarães Rosa, e *Rebelião de Lúcifer*, de J.J. Benitez (2006). Há um forte satanismo em Eça e em Saramago, o que podemos chamar de *satanismo queirosiano* e *satanismo saramaguiano*, mas esse ponto daria por si só uma tese.

No Brasil, na literatura contemporânea, o Diabo tem sido protagonista em diversos contos: Eu e Bebu na hora neutra da madrugada (1933), de Rubem Braga, Alma, vendo (1989) e Belzebu.com (1989), de Luís Fernando Veríssimo, Nostalgia do amor ausente (1996), de Walmor Santos, A dita cuja (2011), de Adriana Jorge, e O empate (2012), de Júlio de Queiróz.

Poderíamos citar ainda outros clássicos da Literatura Infanto-Juvenil: *O Compadre da Morte*, conto popular do folclore europeu, *O Bom Diabo* (1937), de Monteiro Lobato, *O Diabo e o Granjeiro*, lenda alemã readaptada por Tatiana Belinky (1995), *O Sócio do Diabo*, de origem popular, *Roberto do Diabo* (1988), de Ricardo Azevedo, uma estória de origem francesa - que, no Brasil, surgiu primeiro na literatura de cordel -, *O Diabo na Noite de Natal* (1977), de Osman Lins, *De Morte* (1992), de Ângela Lago, "[...] um conto meio pagão do folclore

cristão, recontado por Ângela Lago e com uma leve mãozinha de Albrech Dürer"[3], *A Noiva do Diabo* (2000), de Celso Sisto, recontagem de uma estória popular.

Neste artigo irei me debruçar sobre dois contos atuais em que o Diabo assume o papel feminino, um brasileiro e outro francês: *Tereza Bicuda* (1988), de Ciça Fittipaldi, e *A Diaba e sua Filha* (2000), de Marie Ndiaye.

Mas antes de entrar na análise dessas diabas, cumpre-me a tarefa de passar, ainda que rapidamente, pela questão do Demônio na Teologia moderna e no Catecismo da Igreja Católica. Não analisarei no presente artigo a trajetória no Diabo no Primeiro e no Segundo Testamento, nem sua presença em algumas obras clássicas da Literatura, uma vez que isso já foi feito no livro *As Malasartes de Lúcifer*, de minha autoria, publicado pela EDUEL em 2012.

Nas próprias imagens que ilustram este item, podemos ver como a imagem do Diabo muda de tempos em tempos. Poderíamos afirmar que cada época concebe um rosto para o Diabo. A Ilustração 2 nos remete ao Diabo tradicional: chifres, capa vermelha, unhas imensas, barba de bode, olhos amarelados, circundado por um gato com olhos da mesma cor que ele. Certamente que essa imagem que ilustra o conto *Os três cabelos de ouro do Diabo* é usada para causar espanto e medo no pequeno leitor. Já imagem da Ilustração 1**,** *Lúcifer de Liège,* também conhecida como *Le génie du mal*, é uma estátua esculpida por Guillaume Geefs (1848), retratando Lúcifer, o anjo que caiu do céu. Atualmente ela está exposta no púlpito da catedral de Saint-Paul de Liège na Bélgica.

A imagem causa espanto por sua beleza, mas é um retrato que mais se aproxima do relato bíblico. Afinal Lúcifer, segundo a Bíblia era o mais belo e inteligente dos anjos, não tinha nada a ver com chifres, enxofre, pés de bode. O *Lúcifer de Liège* está na *soleira*, no *entrelugar*, nas *pregas* do sagrado e do profano. Ainda é um anjo magnífico, mas já traz em si as marcas das da queda: a tristeza no olhar, as asas não tão delicadas, com marcas que lembram as asas de um morcego, o cetro quebrado e a coroa que não está mais na cabeça. Entre

[3] Prêmio *O melhor livro para criança* (1992) da FNLIJ, *Prêmio Jabuti de editoração* (1992) da CBL.

os cabelos angelicais, surgem dois chifres. Por sua beleza, está exposto no púlpito de uma Igreja Cristã. Talvez, Liège quisesse que os cristãos tivessem misericórdia desse anjo/demônio, porque soubesse que, no fundo, somos também luciféricos bifrontes.

E qual foi a imagem delineada nos Concílios da Igreja Católica?

2. O Diabo no Catecismo Católico

A respeito do Diabo e dos Demônios, cabe citar aqui o IV Concílio de Latrão, de 1215: *Diabolus enim et alii daemones a Deo quidem natura creati sunt boni, sed ipsi per se facti sunt* (O Diabo e os demais Demônios foram criados por Deus bons, eles se tornaram maus por sua própria culpa - DS 800).

Depois do Concílio de Latrão, o escolástico dominicano São Tomás de Aquino (1225-1274), no livro *Summa Theologiae*, na Primeira Parte, Questões 50-64 e Questões 106-114, tratará do ensinamento sobre os anjos, criação dos anjos, saber angélico, arbítrio dos anjos e na Questão 62, especificamente, de um anjo chamado Lúcifer. Esse, devido ao seu orgulho, desejou ser como Deus, tornou-se Satã, líder dos anjos caídos. Ele queria ser criador e não somente criatura. Esse pecado ocorreu logo depois da criação. Segundo São Jerônimo de Estridão (347-420), Lúcifer era o nome do principal anjo caído, e seu nome em hebraico, *helel*, derivaria do verbo *lamentar*, pois ele lamenta a sua queda e a perda do seu brilho.

O *Catecismo da Igreja Católica*, texto disponível entre os documentos do Vaticano na sua *homepage*[4], na Primeira Parte – Profissão de Fé - nos capítulos 26 – 1065, que tratam, entre outras coisas, da crença em Deus Pai, a Santíssima Trindade, a Criação, o Escândalo do Mal, a Criação dos Anjos, a criação do Homem, a Queda, o Pecado Original, em seu D5 trata do Demônio, informando em D5.1 que se trata de um anjo caído. O texto é longo e selecionei aquilo que acho importante para este artigo: alguns dos principais trechos, que estão compreendidos entre os parágrafos 391 a 413 que citarei abaixo:

[4] http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html publicado em 1985.

D.5 Demônio

D.5.1 Anjos caídos

§ A Escritura e a Tradição da Igreja vêem neste ser um **anjo destronado** [...]

§ O Diabo é "**pecador desde o princípio"** (I Jo 3:8), "pai da mentira" (Jo 8:44).

§ Satanás ou o Diabo, bem como os demais demônios, são anjos decaídos por terem se recusado livremente a servir a Deus a seu desígnio. Sua opção contra Deus é definitiva. Eles tentam associar o homem à sua revolta contra Deus.

D.5.4 Exorcismos para expulsar os demônios

§ **O advento do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás** [...] "Regnavit a ligno Deus - Deus reinou do alto do madeiro".

D.5.5 Idolatria e recurso aos demônios

§ Todas as formas de adivinhação hão de ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demônios, **evocação dos mortos** ou outras práticas que erroneamente se supõe "descobrir" o futuro. [...]

§O uso de amuletos também é repreensível. O espiritismo implica frequentemente práticas de adivinhação ou de magia. Por isso a Igreja adverte os fiéis a evitá-lo. [...]

D.5.6 Jesus e as tentações do demônio

§ No final dessa permanência, Satanás o tenta por três vezes procurando questionar sua atitude filial para com Deus**. Jesus rechaça esses ataques que recapitulam as tentações de Adão no Paraíso e de Israel no deserto**, e o Diabo afasta-se dele "até o tempo oportuno" (Lc 4,13).

D.5.7 Jesus e seu domínio sobre os demônios

§ *Cristo crucificado e ressuscitado quebrou o poder do Maligno [...]*

§O advento do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás [...]

§ **Por sua paixão, Cristo livrou-nos de Satanás e do pecado.**

§ A vitória sobre o "príncipe deste mundo" foi alcançada, de unia vez por todas, na Hora em que Jesus se entregou livremente à morte para nos dar sua vida. [...]

D.5.9 Luta contra o poder das trevas

§ Pelo pecado dos primeiros pais, o Diabo adquiriu certa dominação sobre o homem, embora este último permaneça livre. [...]

D.5.10 Obras do demônio

§ **Ele não passa de uma criatura**, poderosa pelo fato de ser puro espírito, mas sempre criatura [...]

2 "**Homicida desde o princípio, mentiroso e pai da mentira**" (Jo 8,), "Satanás, sedutor de toda a terra habitada" (Ap. 12:9), foi por ele que o pecado e a morte

D.5.11 Origem do mal e Significação e etimologia da palavra "diabo"

§ "Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os viventes... **Foi pela inveja do Diabo que a morte entrou no mundo**" (Sb 1:13, 2:24).

> **§ Conserva o desejo do bem, mas sua natureza traz a ferida do pecado origina**l. [...] [negritos nossos].

Parece que o *Catecismo da Igreja Católica* quer dar uma certidão de nascimento e carteira de identidade oficial ao Diabo, dizendo como, onde e por que ele caiu. Lembremos, no entanto, que a palavra *dogma* significa uma crença ou doutrina estabelecida por uma religião. Nem todos os dogmas sobre o Demônio estão claramente especificados na Bíblia. E outros dogmas nos deixam pensativos: se Jesus livrou os seres humanos do poder de Satanás, definitivamente, ao morrer na cruz, por que Satanás ainda assombra os Cristãos, especialmente os Pentecostais? Ele não foi vencido na cruz? Parece que tanto Deus quanto o Diabo continuam vivos mesmo depois de Nietzsche ter matado Deus em sua obra *A Gaia Ciência* (1882). Cabe lembrar que Machado de Assis, no seu conto *O Anjo Rafael*, publicado em 1869, matou o Diabo exatamente dezenove anos antes de Nietzsche ter matado Deus. Nem um e nem outro aceitam a morte, nem a lápide que lhes foi imposta pela modernidade.

William Schnoebelen, em seu livro *Lúcifer destronado*, afirma que Satanás é egomaníaco e os Pentecostais continuam sendo a plateia que o mantém vivo e que eleva o seu ego aos píncaros da glória: *sai desse corpo que não te pertence!*

O livro de minha autoria, *As Malasartes de Lúcifer* (2012), na introdução e no capítulo primeiro, a partir da leitura de diversos teóricos, aponto para o fato de que no Primeiro Testamento o bem e o mal procedem única e exclusivamente de *YHVH* (יהוה**).** É *YHVH* que endurece o coração do Faraó do Egito para que não deixe o povo sair para assim poder mostrar todo o seu poder. Em Jó, é *YHVH* que permite que **Satã** - do hebraico שָׂטָן - na acepção de adversário, tente o seu fiel servo. É só no Segundo Testamento, inspirado no masdeísmo persa/zoroastrismo do profeta Zaratrusta que aparecerá um dualismo explícito entre Jesus e Satanás. Quanto mais Satanás atua, mais o poder de Jesus se torna relevante.

Ilustração 3 – *Melek Taus*

Cabe ressaltar que os Yazidis beberam na mesma fonte do zoroatrismo persa e criaram uma religião sincrética, denominada **iazidismo,** baseada em antigas religiões da mesopotâmia. Eles são considerados adorados de *Shatan*. Observem que a lenda, o mito sobre Lúcifer é mais cristão do que a nossa:

> Os iazidis acreditam em Deus como criador do mundo, que colocou sob o cuidado de sete "seres sagrados" ou anjos, cujo "chefe" (arcanjo) é **Melek Taus,** o Anjo Pavão. Como governante do mundo, este Anjo Pavão é a causa de tudo o que sucede de bom e de mau aos humanos e este caráter ambivalente surge em mitos da sua queda em desgraça junto de Deus, **antes das suas lágrimas de arrependimento terem apagado os fogos do seu cárcere infernal e de ter-se reconciliado com Deus**. Esta crença tem origem nas reflexões místicas sufistas (um ramo místico do islão) sobre o **Anjo Iblis (o** equivalente islâmico do Diabo), que se recusa orgulhosamente a violar o monoteísmo, adorando Adão e Eva, apesar da ordem expressa de Deus para o fazer.
>
> Devido a essa relação com a tradição sufista de Iblis, **alguns seguidores de outras religiões monoteístas identificam o Anjo Pavão com o espírito maligno não redimido Satanás, o que está na origem de séculos de perseguição dos iazidis como "adoradores do Diabo".**[5]

[5] https://pt.wikipedia.org/wiki/Yazidi. Consultando em 20.04.2016, negrito nosso

Por que digo mais cristã que a nossa? Porque ele, o anjo, Melek Taus é perdoado e reconciliado com Deus. Os Yazidis são trucidados pelos sunitas fundamentalistas, pelo Estado Islamico e pelo El.

Citando Jacques Le Goff, em seu *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*:

> O Diabo, em particular Satã, potência parcialmente autônoma e que concentra o conjunto das causalidades maléficas, **é uma das criações mais interessantes e originais do cristianismo**, Satã congrega a multidão dos espíritos demoníacos do judaísmo popular, e ao mesmo tempo, procede da dissociação **da figura ambivalente de *YHVH*, o Deus veterotestamentário, Deus tanto da cólera e do castigo quanto benfeitor**. (LE GOFF, 2002, p. 319. Negritos nossos)

Satanás surge no Segundo Testamento dissociado da figura de *YHVH*. A parte negativa, vingadora e sanguinolenta do *YHVH* guerreiro do Primeiro Testamento é transferida para Satanás no Segundo Testamento, portanto, o Diabo é uma figura indispensável ao Cristianismo. Reforça a nossa ideia o argumento de Jack Miles que em sua obra *Deus, uma Biografia,* afirma: "É estranho dizer isso, **mas Deus não é nenhum santo."** (Miles, 1997, p.17 – negrito meu). A uma visão monista do Antigo Testamento contrapõe-se uma visão semidualista no Novo Testamento, para escamotear a ideia de que Deus está na origem do mal. A este embaraço teológico, Andrés Torres Queiruga, em sua obra *Repensar o Mal: da ponerologia à teodiceia*, intitula de *o paradoxo da teodiceia* (QUEIRUGA, 2011, p.17)

Poderíamos falar do Diabo entre os críticos da área das ciências da religião, mas só isso daria outro artigo. Centenas de obras têm sido publicadas nas últimas décadas. Remetemos o leitor a uma pequena amostragem: *Pensando com Demônios*, de Stuart Clark, *Biografia do Diabo*, de Alberto Cousté, *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, de Le Goff, *O Diabo*, de Luthner Link, *História Geral do Diabo*, de Gerald Messadié, *Deus – uma Biografia*, de Jack Milles, *El olvido do Diabo*, de Ricardo Pinheiro Moral, *Uma História do Diabo*, de Robert Muchembled, *O Diabo no Imaginário Cristão*, de Carlos Roberto Nogueira, *As Origens do Satanás*, de Elaine Pagels, *O Diabo: apontamentos para uma futura diabologia*, de Giovanni Papini, *Antes que os*

Demônios Voltem, de Oscar Quevedo, *As Fronteiras da Demonologia e da Psiquiatria*, de João Carvalhal Ribas, *Lúcifer Destronado*, de Willian Schnoebelen, *Escrituras de Deus e do Diabo*, de Bárbara Simões e Robert Daibert Júnior, e *O Diabo*, de Peter Stanford.

Também seria tarefa inglória fazer um apanhado de que maneira a Teologia pensou o Diabo no decorrer desses dois milênios. Fizemos um recorte e vamos nos ater em como alguns teólogos da modernidade pensam desse Príncipe Destronado.

3. Diabo na Teologia moderna

Um dos grandes problemas que pautam a discussão da Filosofia e da Teologia é a questão do mal. A filósofa alemã Hannah Arendt, após acompanhar o julgamento de Adolf Eichmann, um carrasco do holocausto dos judeus, escreveu o livro *Eichmann em Jerusalém - um relato sobre a banalidade do mal* e levantou sua tese sobre a banalidade deste. Segunda ela, o mal se torna banal, normal e insignificante, por isso não se percebe os limites da sua gravidade. A filosofia cristã desde Santo Agostinho, que defendia que Deus não é o criador do mal, sente-se embaraçado diante do problema do mal. Se Deus é bom e dele emana o bem, se a criação era perfeita e boa, por que o mal existe? Que Deus é este capaz de criar um mundo perfeito, no qual existe e reina o mal? Como solucionar o problema do Mal? Eis aqui o embaraço parodoxal da Teodiceia: como pode um Deus bom, amoroso e justo permitir o nascimento e a existência do mal? *O que sei é que nada sei* diante deste monstruoso *abismo que interpela a fé*...

Cabe esclarecer que a doutrina do mal teve seu desenvolvimento teológico a partir da Doutrina da Criação (KASPER, 1992, p.55). Os teólogos da modernidade se dividem com argumentos a favor e contra a existência de Satanás.

O livro *Diabo, Demônios e Possessão: da realidade do mal*, de autoria dos teólogos católicos da Alemanha Walter Kasper e Karl Lehmann, de 1992, nos traz um apanhado do que pensam os principais teólogos católicos e protestantes sobre o problema do mal, os demônios e Satanás. Para os autores, o discurso

sobre Deus tem que se defrontar com o problema do mal, senão perde toda sua seriedade. Para esses teólogos, “o problema da existência dos Demônios e do Diabo só pode ser posto e resolvido de modo satisfatório à luz do problema teológico do mal” (KASPER; LEHMANN, 1992, p.8).

Walter Kasper levanta várias perguntas sobre a existência ou não do Diabo, esse *abismo que interpela a fé* e que se apresenta como um embaraço para a Teologia cristã. O que é o Diabo? Uma pessoa? Uma figura? Uma metáfora, personificação para o mal? Como despedir-se do Diabo? Resíduo superado ou superável de um pensamento mágico ou mítico? Crer no Diabo na atualidade é como se voltássemos aos tempos de Inquisição (sinal do Diabo, queima de Bruxas em fogueiras). É mais ou menos consenso que a Demonologia bíblica está fundada no NT. Mesmo assim só há acenos, não demonologia sistemática. Portanto, eis aí o embaraço já que a questão do Diabo um problema em aberto: a Bíblia não oferece uma concepção uniforme de como o mal opera no mundo. Os teólogos que entendem o Diabo como um mito ou uma fábula baseiam-se no programa *demitologização* da Bíblia proposto pelo teólogo alemão luterano Rudolf Bultmann.

Difícil seria resumir um teólogo como Bultmann, mas citaremos alguns pontos do seu livro *Demitologização*: a concepção do universo e do NT é mítica; a linguagem bíblica é mitológica; a principal tarefa da Teologia é demitologizar a proclamação cristã; a concepção do universo dos tempos bíblicos não estava moldada pelo pensamento científico; acreditar no mundo dos espíritos e dos milagres proposto pelo NT seria um *sacrificius intellectus*; aquele que acredita na intervenção de poderes demoníacos ou divinos estaria mais para esquizofrênico do que um homem de fé. Se Bultmann, com suas colocações, dá base para que seus discípulos de certa forma proponham uma Teologia da Morte de Deus, isso implica que também estabelece uma uma fundamentação para a Teologia da Morte do Diabo. Deduzimos então que, para Bultmann o homem que pisou na lua não pode crer em uma mera figura de ficção cheia de chifres e fedendo a enxofre, que só possui crentes, já que nunca se viu um ateu possuído. Corrobora o pensamento de Bultmann o teólogo protestante alemão Jürgen Moltmann que afirma que o Diabo “*Es uma figura mítica* [...] *em la presente civilización científico-técnica, este mito ya no tiene um significado aclaratorio*.”

(Ricondo, 2008, p.233). Tanto Bultmann como Moltmann desmitologizam a figura do Diabo.

Para Bars van Iersel, o demônio **é o nada**, enquanto que, para o teólogo norte-americano católico John Quinlan, o Diabo é um resíduo das religiões animistas (RICONDO, 2008, p.251-254). Walter Kasper aponta que os teólogos modernos questionam a crença tradicional do Diabo:

> Para eles, a crença no Diabo, na sua figura tradicional, tornou-se suspeita e perder credibilidade por causa de todas as possíveis mesclas com superstição e folclore, mas também por causa de certas formas horríveis de abusos que conheceu no curso dos tempos. Consideram-na **como um resíduo, hoje superado ou pelo menos superável, de um pensamento mágico ou mítico, que nem mesmo com a maior boa vontade pode ser aceito.** (KASPER; LEHMANN 1992, p. 47. Negrito nosso).

Para Kasper, um Diabo como figura monstruosa, com chifres e pé de cabra pertence ao mundo do folclore e da fábula. Para ele, o Iluminismo e a Modernidade tornaram a crença no Diabo um resíduo, mas ressalta que o otimismo dos iluministas não pode negar a existência do mal no mundo. O mal existe porque existe liberdade humana, imputabilidade e responsabilidade, ou seja, o mal está vinculado à liberdade humana, à metafísica do ser, o problema do mal está ligado à realidade finita do ser humano. A profundidade do pensamento de Kasper pode ser observada na seguinte colocação: “Não pode existir um princípio antagônico, mas ao lado do qual também não pode haver um caos independente dele, [...] **porque Deus é tudo em todas as coisas**.” (Kasper & Lehmann, 1992, p.55-56, negrito nosso) Na visão do teólogo, o ser humano foi criado por Deus, dotado de tanta liberdade, a ponto de rebelar-se contra ele, portanto, Deus correu o altíssimo risco de nos criar livres e o mal nada mais é do que a emanação da liberdade criatural. O mal é a resposta negativa que o homem dá a Deus, só o homem põe em marcha o processo de desventura. O humano não tem a realidade intrínseca do mal, mas a possibilidade do mal.

Para o teólogo, a Bíblia não possui uma demonologia sistematizada, apenas uma suposição de anjos e demônios. A queda dos anjos presentes no livro de Enoc/Enoque respinga no NT apenas como pano de fundo. O Diabo e

os anjos não estão no centro dos Evangelhos, são verdades marginais, porém o centro é melhor definido a partir da periferia. Anjos e Demônios estão na periferia da Cristologia, esta sim essencial para a salvação. Fica aqui uma pergunta: é possível discutir o mal adequadamente? Para Kasper, em última análise, o mal é um mistério impenetrável ao nosso intelecto, relembrando que a Sagrada Escritura fala de *mysterium iniquitatis*.

> O Diabo não é uma figura pessoal, mas a negação de uma figura que se dissolve em qualquer coisa anônima, **sem rosto, um ser que se perverte do não-ser; ele é pessoa na maneira de negar a pessoa** [...] ele é a destruição progressiva de si próprio e ao mesmo tempo a destruição de toda e qualquer ordem cósmica [...] **ele é até a essência a mais alta representação das potencias destrutivas**, do elemento negativo e caótico do mundo [...] por isso o Diabo é de fato em certo sentido uma figura ridícula [...] **é um nada aos olhos de Deus**. (KASPER; LEHMANN, 1992, p. 64-68. Negrito nosso)

Kasper termina seu brilhante capítulo afirmando que só se pode falar do mal de maneira indireta, uma vez que o mal é aquilo que é absurdo, por isso não se pode fazer uma demonologia sistemática, já que o mal é aquilo que é nulo e vão. Afirma ainda: “O Diabo é o parasita por excelência [...] **não existe fé no Diabo; fé no Diabo em última análise só pode ser superstição**. No Diabo não se pode crer, ao Diabo só se pode renunciar.” (KASPER; LEHMANN, 1992, p. 70. Negrito nosso).

São instigantes as elucubrações do teólogo, não se pode ter fé no nada, no parasita, o ser humano deve negar o negado.

Para o teólogo Teilhard de Chardin, “num mundo evolutivo que avança tateando, por múltiplas tentativas malogradas, **o mal se apresenta com uma necessidade estatística.**” (KASPER; LEHMANN, 1992 p. 53. Negrito meu).

Um dos meus teólogos preferidos, o teólogo o alemão-estadunidense protestante Paul Tillich, em sua obra *Filosofia da Religião* (1925), afirma que o demônico aparece em contraposição ao divino e ambos estão inseridos na esfera do Sagrado: *O demônico é o Sagrado precedido por um sinal “menos”: o antidivino sagrado*. Carlos Eduardo Brandão Calvani, analisando o pensamento de Tilich em *Teologia e MPB* (1998), acrescenta que se trata do sagrado

negativo, destrutivo, entretanto, ainda é sagrado, uma vez que provém do mesmo abismo de onde flui a graça.

Para Karl Barth (1886-1968), o mal é o nada, é uma terceira via: nem Deus nem criatura, mas o *Não Querer de Deus*, o lado negativo e oposto da eleição.

P. Ricouer (1913-2005) fala do conceito paradoxal da vontade não livre – *servum arbitrium – liberdade em servidão.* O problema do mal está ligado ao problema metafísico do SER em si, da criação (pecado original).

Para o teólogo alemão Herbert Haag, "se a fé cristã abandonasse o Diabo, compreendido como entidade pessoal, **nada perderia, pelo contrário só teria a ganhar**. O anúncio do Evangelho, que pela presença obsessiva do Diabo, **deforma-se em um anúncio ameaçador, recuperaria toda sua densidade seu rosto original de um alegre anúncio**." (Ricondo, 2008, p. 248, tradução e negritos nossos)

Poderíamos citar outros teólogos, como: Johannus Albertus Maria Schoonenberg (1911-1999)[6], Herbert Haag (1915-2001)[7], Martinus Franciscus van Iersel (1924-1999)[8], que debatem a existência ou não do Diabo. Notamos a importância da aventura luciférica dentro daquilo que Hans Urs Von Baltasar (1905-1988), teólogo católico, chamou de **Teodramática**. Para este teólogo o drama da história humana contém um personagem principal: Deus, seu filho, como protagonista, e o homem fazendo parte desse cenário. Baltasar afirma que não há uma Demonologia sistemática, mas não se pode desmitologizar o Diabo, já que os anjos caídos são personagens do *Teodrama* que se desenrola nos céus e na terra.

O que percebemos, pelas discussões acima, é que estamos diante de um paradoxo e de um problema. Segundo os ensinamentos bíblicos, nunca um pecador vai tão longe que a graça de Jesus não ultrapasse, no entanto, essa mesma graça é negada a Lúcifer e aos anjos caídos. Se a cruz é o símbolo, apoteose do *Teodrama*, esta mesma cruz decreta a perdição eterna de lúcifer e

[6] Teólogo holandês católico.
[7] Teólogo alemão católico.
[8] Teólogo holandês católico.

seus anjos, já que é credo popular entre os cristãos que Lúcifer foi vencido na cruz (mas continuam a temê-lo...). O outro problema, com os quais esses teólogos se debatem, é que se negarmos a existência do Diabo, o cristianismo perde um dos seus principais sustentáculos, e está errado desde o começo. A *Sataniceia*, termo cunhado por mim em meu livro *As Malasartes de Lúcifer* (2012) é necessária como contraposição da *Teodiceia* e complementação perfeita do *Teodrama.*

4. **O Diabo feminino (Diaba) na literatura infanto-juvenil**

Em diversos contos clássicos e contemporâneos da LIJ, chamados de *contos de engano do Diabo***,** a mulher é o agente que engana o Diabo. Isto nos remete não só ao mito de Eva, mas principalmente, ao mito de Lilith, a mulher que questiona o sagrado. Sobre Lilith esclarecemos que:

> Lilith, o demônio feminino de longos cabelos [...] Ela é uma força, um poder, uma qualidade, uma renegada. Um Espírito Livre. Odeia ser contida pelo Verbo [...] A maioria dos relatos a respeito de Lilith aparecem no Zohar, uma obra cabalística do século XIII, escrita por homens preocupados em acautelar outros homens contra seus poderes [...]
>
> Lilith, um irresistível demônio feminino da noite, de longos cabelos, sobrevoa as mitologias suméria, babilônica, assíria, Cananéia, persa, hebraica, árabe e teutônica. [...] Entre os semitas da Mesopotâmia, ela ficou conhecida como *Lilith,* que, mais, tarde, ao confabular com *layil* (a palavra hebraica para noite), **tornou-se Lilith, um demônio noturno que agarra os homens e as mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmos noturnos.** No século VIII a.C., na Síria, Lilith, o súcubo foi associada a uma outra figura demoníaca que, anteriormente, tivera uma existência à parte: Lamashtu, a bruxa assassina de crianças. **Sob essa forma, Lilith, a Estranguladora Alada, tornou-se conhecida, em todo o mundo como os nomes de a Dama de Pernas de Asno, a Diaba Raposa, a Sugadora de Sangue, a Mulher Devassa, a Estrangeira, a Fêmea Impura, o Fim de Toda a Carne, O Fim do dia, bruha, strega, bruxa, feiticeira, raptora, maga. Associada à serpente, ao cão, ao asno, à coruja, à emissão de horríveis sons noturnos, e considerada a alma de todo ser vivo que rasteja, ela foi a primeira mulher de Adão, a fêmea do Leviatã, a mulher de Samael, o Diabo, [...] a rainha de Sabá [...] e até mesmo a esposa do próprio Deus, durante o tempo que Shekhina esteve no exílio.**" (Koltuv, 1997, p.13-14, negritos nossos)

Ilustração 4, *Asherad*

Como *YHVH* nunca aceitou a mulher como sua interlocutora, já que na reforma proposta pelo Rei Josias (649-609 a.C), as deusas femininas como Asherad, do Hebraico אֲשֵׁרָה a Rainha dos Céus, A Deusa da Fertilidade, provavelmente suposta consorte de YHVH nas religiões pré-hebraicas, foram extirpadas e apagadas do panteão cananeu, nestes contos aqui analisados e nos contos chamados *contos de engano do Diabo* a mulher se tornará interlocutora do Diabo, sempre por meio de suas astúcias logrando vitória sobre ele.[9]

Difícil escolher qual conto de *engano* aqui citar, mas escolhi de minha preferência: *Belfegor, o arquidiabo:* a fábula do Diabo que se casou, de Maquiavel (1469-1527). Nesse conto, todos os homens chegam ao inferno reclamando que se perderam por causa das mulheres. É feita uma assembleia

[9] A mulher ocidental quer seja na vida real ou nos contos, nunca aceitou o silêncio que lhe foi imposto pelo judaísmo e cristianismo. Remetemos o leitor a um artigo de autoria de Julio de Queiroz intitulado A Mulher na Humanidade, do *Livro Pelas Frestas da Caverna*: ensaios (Edifurb, 2013)

e o arquidiabo, que já fora arcanjo, por ordem de Plutão, vem a terra e se casa. Rodrigo de Castela, o próprio arquidiabo, sofre tanto nas mãos de sua mulher Honesta, que resolve voltar para o inferno antes do tempo. Assim como esse, em vários outros contos a mulher ajuda o marido a enganar o Diabo e livrar-se de uma promessa ingrata, em muitos casos livrar-se de um pacto que exigia a entrega de um filho em troca de uma vida rica. Este conto é recontado brilhantemente por Ângela Lago no livro *Muito Capeta* publicado em 2004, com projeto gráfico precioso ilustrado pela própria autora.

Aqui o Diabo sofre, não nas mãos da mulher, mas da sogra. Tanto no conto de Maquiavel quanto no conto de Ângela Lago, o Diabo se apaixona e sofre nas mãos de mulheres. Noutros, o Diabo é salvo pelo amor de uma mulher, como no conto de origem francesa *Roberto do Diabo*, recontado por Ricardo Azevedo. Já no conto popular *A noiva do Diabo,* recontado por Celso Sisto, é a noiva quem se apaixona e é abandonada no meio de um baile. Em outros a mulher ajuda a enganar a própria morte, mas são poucos os livros em que o Diabo veste saia, ou seja, apresenta-se como uma mulher, a própria Diaba.

Escolhi dois contos da produção da LIJ atual em que temos uma Diaba: *Tereza Bicuda* da brasileira Ciça Fittipaldi, escrito a partir de um conto popular (1988) e *A diaba e sua filha* da francesa Marie Ndiaye (2011).

3. A diaba que montou e cavalgou na própria mãe

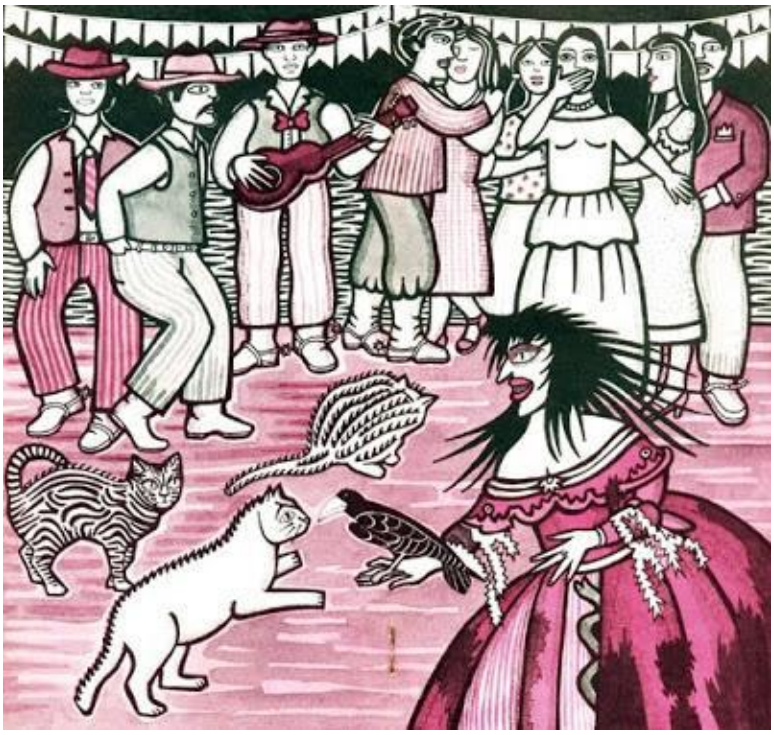

Ilustração 5 *Tereza Bicuda*

O narrador informa que se trata de um *causo* velho em um lugar chamado Laguinho de Santana, lá para os lados de Goiás, a desnatureza engendrou um mistério de mulher feia chamada Tereza Bicuda: “o avesso de uma pessoa era Tereza” (Fittipaldi, 1988, p.5). Esta mulher que veio do nada antes era bonita, muito bonita, cheirava perfume de graviola. Era uma criada que invejava as roupas elegantes das patroas. Esta beleza foi humilhada, pois o texto nos informa que “era moça pro patrão” (Fittipaldi, 1988, p.9). Nos silêncios do texto entendemos que ela foi abusada pelo patrão. Revoltada caiu na vida, tornou-se carrancuda e maldizente, dormiu com peões, fazendeiros, aventureiros e trapaceiros: “conheceu como mulher toda a força que tinha” (Fittipaldi, 1988, p.10). Para ficar rica, em uma encruzilhada compactuou com o Diabo: um marido rico em troca da alma. Tornou-se rica, comprou um sobrado e muitos vestidos, perfumes e sedas. Pediu que sua velha mãe ficasse longe, num velho sobrado e se entregou aos banquetes, danças e jogos. Seu sobrado tinha muito luxo e muitas cortinas vermelhas. Toda essa herança foi recebida da parte do marido rico, que se casou embriagado de amor. Perseguia os escravos, e matava um por dia, judiava do marido, fazendo sua vida um inferno, inclusive traindo-o.

Detestava criança e nunca quis ser mãe. Também, expulsou o marido de casa, amaldiçoando-o. O pobre morreu à míngua no meio do mato, sem ninguém. Toda a riqueza ela pôs a perder, escravos fugiram, empregados sumiram, a fazenda foi invadida pelo mato e os alimentos, invadidos pelos bichos. Foi a partir disso que ela enfeou, da sua boca saía tantos palavrões que ela ganhou um bico no lugar da boca, por isso ficou conhecida como Tereza Bicuda. Gastou todo o seu dinheiro para ser bela novamente, mas nada adiantou. Seu último recurso:

> Fez prece e promessa aos oito maiores Diabos. Invocou o comando de Lúcifer. Implorou aos chefes dos chefes: - **Belzebu, Leviatã, Asmodeus! Nada presteu. Caiu nas garras de Astaroth, príncipe do reino das trevas**. (Fittipaldi, 1988, p.19, negrito nosso).

Como sua beleza não voltou, passou a amaldiçoar a tudo e a todos. Com seu olho gordo secava tudo que olhava, o seu cuspido enchia a terra de bicho, seu viver era fazer ruindade, as pessoas se benziam contra ela, fazendo sinal da cruz, de medo de mal olhado e do bico de Tereza. Uma mocinha a chamou de *Bicuda caranguejeira, beiço grosso de torresmo* e caiu dura na hora. Tereza perdeu tudo que tinha e sua pobre mãe, ouvindo gritos e mais gritos, era quem lavava os seus trapos. Trabalhava com a enxada para sustentar as diabruras da filha. Mas a pior de todas as maldades que esta dama das trevas cometeu foi o que fez contra a sua pobre, velha e dedicada mãe: pôs a mãe para pedir esmola e se faltasse alguma coisa, batia na velha até correr sangue.

> Um certo dia foi demais. Preparou os arreios, pôs o freio de cavalo e montou. Bateu com o pé, deu com o chicote e obrigou a velha a sair trotando pelo quintal. Depois andou a Rua das Flores todinho montada nas costas da mãe. A velha pedia socorro, ninguém tinha coragem de dar. [...] Trançou a cidade inteira na sua montaria, vantajando aos berros que cavalo melhor não tinha. **Deixou no rastro uma sangueira escura que penetrou nas pedras e manchou tudo. [...] Nessa andança desvairada, em cada porta ela marcava uma cruz de sangue e por cima rogava uma praga**. (Fittipaldi, 1988, 29-30, negrito nosso).

Tereza Bicuda, aquela que pactuou com todos os demônios, entra na cidade montada em cima da infeliz criatura que a concebeu. Com o sangue da sua própria mãe, realiza sua *via crucis* satânica, uma vez que não é o seu sangue

que é derramado, mas o da sua genitora. Na capa do livro aparece um bode em cima da mãe de Tereza Bicuda. Infere-se daí que a mãe funciona nesse texto como bode expiatório, ou seja, é sobre ela que Tereza joga todos os seus pecados e culpas. Mas o sangue de sua mãe não a redime, pelo contrário, a amaldiçoa. O texto prossegue da seguinte forma:

> Quando a velha arriou no chão, Tereza Bicuda largou aquele trapo de corpo coberto de sangue nem beco e foi imprecar na porta das Igrejas. **Invadiu os recintos sagrados, derrubou os santos no chão, arrancou as asas dos anjos, convocando os demônios para subir no altar. Nesta hora então, a mãe de Tereza a excomungou**. [...] E morreu. (Fittipaldi, 1988, p.32, negrito nosso).

Assim que a mãe morre, amaldiçoando a filha para que a loucura a possua, o conto adquire uma linguagem apocalíptica: o dia fede, as serpentes abandonam os ninhos, os animais gritam e ficam enlouquecidos, chove facas e vidros, ventam formigas, a terra desaba de infelicidade. A filha amaldiçoada fica louca, estremece, incha e estrebucha, Tereza Bicuda morre no rio e contamina sua nascente. Ninguém quis enterrar o corpo nem segurar o caixão, não apareceu carpideira nem padre. O coveiro fez sua parte enterrando a amaldiçoada. Mas Tereza Bicuda depois de enterrada começou a gritar, abandonou o túmulo e passou a assombrar a cidade toda. Isso nos relembra o caso dos chamados *corpo seco*, uma lenda muito comum no interior do Brasil. Dizem que quando uma pessoa é muito má a terra rejeita o corpo. Ela foi enterrada novamente, mas na outra manhã o corpo estava fora da terra. O coveiro leva o seu corpo para o alto de um morro e aquele serra fica assombrada. A maldição da mãe foi tão grande que Tereza Bicuda foi rejeitada pela terra e não teve a benção de descansar em paz, porque *mesmo morta não achou descanso*.

6. *La Pietá*: a Diaba e sua filha

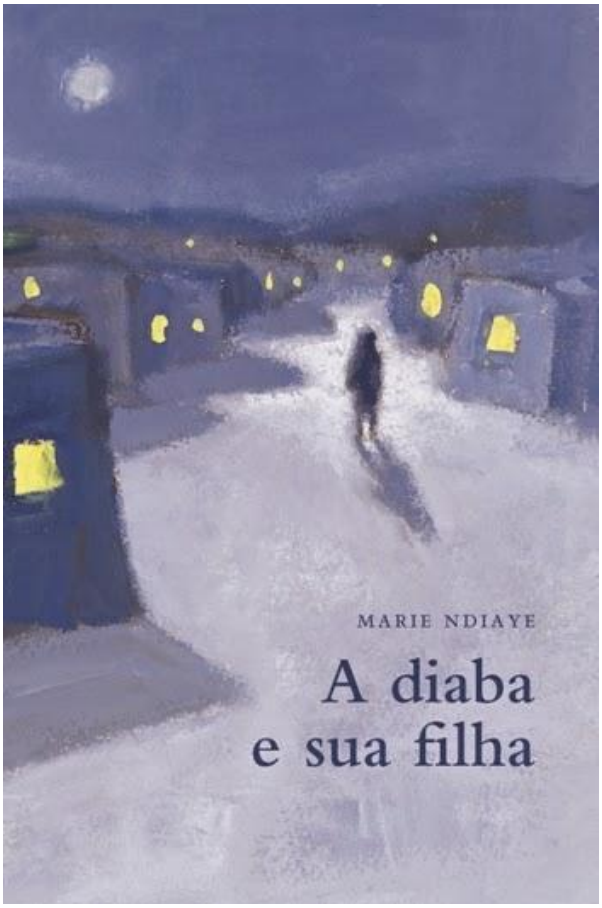

Ilustração 6, *A Diaba e sua filha*

Marie Ndiaye é autora do livro *A diaba e sua filha*. Ela é considerada um dos maiores nomes da literatura francesa contemporânea, escrevendo novelas, romances, peças teatrais, livros infantis, tendo recebido importantes prêmios na França. Nasceu na França e é filha de mãe francesa e pai senegalês.

O texto descreve uma diaba de rosto agradável, olhos brilhantes e úmidos de lágrima e roupas limpas, batendo de porta e porta das casinhas de uma aldeia perguntando: “Alguém sabe onde está a minha filha?” (Ndiaye, 2011, p.7). As pessoas não tinham medo de abrir a porta para ela, devido a sua gentileza, mas quando notavam que em vez de pés ela tinha cascos negros, parecidos com o de uma cabra[10], batiam a porta em sua cara e apagavam as luzes. A diaba não entendia por que todos tinham medo dela, o bater dos seus pequenos cascos

[10] Consultar as diversas versões da Lenda tradicional portuguesa da *Dama do Pé-de-Cabra* disponível em diversos sites na internet.

negros e delicados assustavam a todos. [...] Todos tinham piedade dela até que visualizassem os seus pés, a partir daí reinava o medo. Pensavam que a diaba inventava essa estória para entrar nas casas da aldeia. Ela se lembrava de que um dia segurou uma criança em seus braços, a quem havia amado, alimentado e acariciado. Um dia sua filha desapareceu e ela passou a ter no lugar dos pés cascos negros e delicados. Não sabia quando nem onde, mas sua casa e sua filha desapareceram: *Simplesmente aconteceu*. [...] A partir daí passou a se esconder nas florestas. Saía à noite e quando avistava uma criança corria em direção a ela para ver se não era sua filha perdida. As crianças morriam de medo da diaba de cascos de cabra.

As pessoas da aldeia começaram aos poucos acreditar na estória da diaba "e se for verdade que ela teve uma filha e a menina escapou? Como ter certeza que ela não está entre nós?" (Ndiaye, 2011, p.26). Os moradores da aldeia começaram a olhar atentamente as crianças da aldeia, especialmente os pés das mesmas. Certo dia a diaba tomou uma decisão: ela sabia que ninguém ia contar onde estava a sua filha, prometeu para si mesma que sairia da floresta e a primeira criança que encontrasse seria sua.

Assim que saiu da floresta, avistou uma pequena silhueta de uma menina sentada à beira da estrada, correu em direção a ela com o coração tão ofegante que nem ouviu mais o bater dos seus cascos. Chegou perto e viu que a menina tinha trancinhas no cabelo: "- Venha, venha comigo, disse a diaba, muito docemente" (Ndiaye, 2011, p.30). De mãos dadas voltaram à floresta, quando a diaba notou que a criança mancava, baixou os olhos e viu que os pés da menina eram deformados. Naquela manhã os habitantes expulsaram a menina. Acreditavam que haviam encontrado a filha da diaba: "Vamos enxotar essa aí ou ela vai nos trazer a desgraça. Esses pezinhos deformados se transformarão em cascos e então será tarde demais." (Ndiaye, 2011, p.32). A diaba viu que a menina tinha dificuldade para caminhar e a pegou no colo, enlaçando-a em seus braços. A menina abraçou o pescoço da diaba e suspirou de alívio. [...] A diaba caminhava rumo à floresta enquanto a menina dormia tranquila em seus braços. O coração da diaba batia forte e a noite estava calma e quente. Vale a pena citar o final do conto:

> De súbito a diaba percebeu que não ouvia mais o clique-claque, clique-claque de seus pequenos cascos pretos. A noite estava agora tão escura que a diaba, ao se inclinar, não pôde ver os cascos. Mas ela ouvia um ruído diferente. E a diaba reconheceu o atrito dos seus pés descalços na estrada. (Ndiaye, 2011 p.34)

Provavelmente sendo a escritora filha de pai africano, tenha bebido em costumes de certas partes da África, nas quais quando uma criança nasce aleijada é colocada fora da aldeia, para morrer e para não trazer desgraça sobre aquela tribo. Isso também é um costume em tribos de índios no Brasil.

Se no conto de *Tereza Bicuda,* de Ciça Fittipaldi, a filha, por ter cavalgado a mãe e manchado de sangue as ruas da cidade, é amaldiçoada e se transforma em uma diaba cuja terra o corpo rejeita e que não tem sossego nem depois de morta, no conto *A diaba e sua filha*, da francesa Maria Ndiaye, a diaba mãe nos é descrita como um ser afável, suave, em busca da filha perdida, uma versão feminina da *La Pietá* (Michelangelo, 1499), que é abençoada no final do conto.

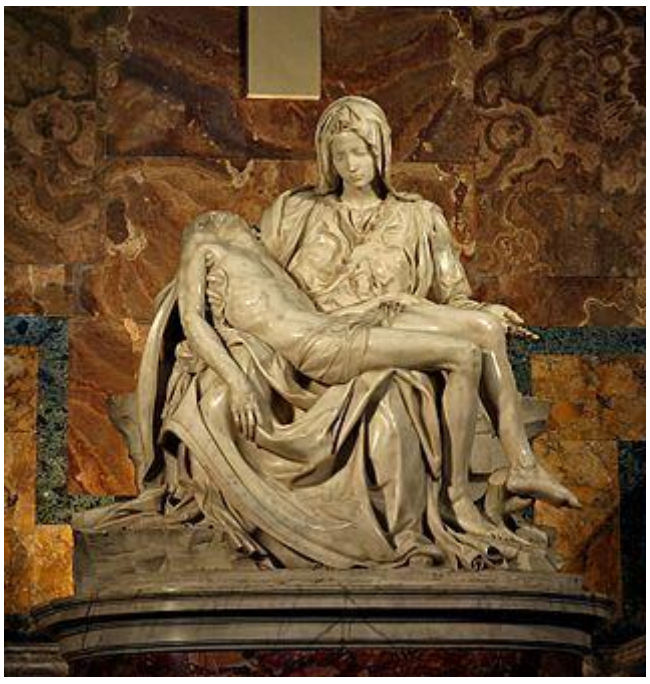

Ilustração 7 *La Pietá*

La Pietá significa em português *Piedade*. É o que a diaba do conto sente por aquela criança abandona fora da aldeia com os pés deformando e deixava

alia para morrer. Ela não encontra a sua filha, mas encontra uma criança de pés aleijados e ao enlaçá-la em seus braços um ser rejeitado, o outro, o diferente, que fora deixada fora da vila para morrer, seus cascos se transformam em pés delicados. De certa a forma é ela que atrai para si a filha, porque os aldeões desconfiavam de que a menina poderia ser filha da diaba por causa dos pés mal formados, que poderia se transformar em cascos no futuro[11].

Ilustração 8

Se a salvação do Diabo já foi proposta por Giovanni Papini em *O Diabo: apontamentos para uma futura Diabologia*, se o Diabo já foi redimido por Saramago no *Evangelho segundo Jesus Cristo*, se o Diabo já foi enganado pelas mulheres em vários dos contos acima citados, uma vez que elas tinham nele um interlocutor mais acessível, por outro lado temos em *Tereza Bicuda* e *A diaba e sua filha*, uma diaba feminina, completamente diferentes entre si. Em *Tereza Bicuda*, a filha após pactuar com os oito maiores diabos se transforma em uma

[11] Isso nos faz lembrar o romance *Vitório, o vampiro* de Anne Rice. Neste romance há uma cidade chamada Santa Maddalana, ali não havia nenhum aleijado, deformado, doente ou velho incapacitados. Estes eram dados como prato principal, ou melhor, uma espécie de dízimo negro para os vampiros da Corte do Graal de Rubi, que assim não matavam as pessoas sãs.

diaba, que destrói e mata a sua mãe. A filha amaldiçoada transforma-se em um fantasma, em um *corpo seco*, sem direito a uma sepultura e sem direito a própria morte. Este conto não tem final feliz. Já no conto *A diaba e sua filha*, a diaba mãe, delicada e com olhos umedecidos de tristeza sai à procura de sua filha perdida. Ao resolver adotar para si uma criança aleijada, seus cascos transformam-se em delicados pés. Assim a diaba transforma-se em uma espécie de *Pietá* ao enlaçar aquela criança amaldiçoada pelos aldeões. Aqui não há sapatinhos de cinderela esquecidos na saída de um baile, mas cascos que se transformam em delicados pés. O sonho da Diaba não é casar-se com um príncipe e viver feliz para sempre num castelo, e sim, cuidar e amar uma criança aleijada.

Como observemos no último livro analisado, o velho fantasma coletivo do Ocidente, a maior criação ficcional legada pela Cristianismo, na modernidade é capaz de amar, e transformar-se em uma *Pietá*. Talvez, na literatura, esta presença escandalosamente ausente, ou esta ausência escandalosamente presente, esteja mais próxima aos fracos e mortais humanos dos que os fortes deuses em seu panteão inacessível às suas criaturas. A literatura revela o que a teologia cristã não aceita: que é muito tênue, frágil e líquido o esgarçado fio que separa os humanos de Lúcifer...

Teodrama, Teodiceia, Sataniceia = Deuses!

Memento homo, quia pulvis es, *et in pulverem reverteris* = Homens!

Referências

AZEVEDO, Ricardo. *Roberto do Diabo.* São Paulo: Scipione, 1988.

BULTMANN, Rudolf. *Demitologização.* Trad. Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

CLARK, Stuart. *Pensando com Demônios* – A ideia da bruxaria no princípio da Europa moderna. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Edusp, 2006.

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do diabo*. Trad. Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

ANDRADE, Carlos Drumonnd. Confissões de Minas. In: *Literatura Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguiar Editora, 1979.

FERRAZ, Salma. O Diabo na Literatura para Crianças. In: *Revista Linguagens, Revista de Letras, Artes e Comunicação.* Blumenau: Furb, 2008.

FERRAZ, Salma. *O diabo é teen*. Dourados: UFGD, 2013.

FERRAZ, Salma. *As malasartes de Lúcifer*. Londrina: EDUEL, 2012.

FERRAZ, Salma. *Escritos Luciféricos*. Blumenau: Furb: Blumenau, 2014.

FERRAZ, Salma. *O demônico na literatura.* João Pessoa: EDUEP, 2013.

FITTIPALDI, Ciça. *Tereza Bicuda*. São Paulo: Scipione, 1988.

GUERRA, Felipe do Monte. *A figura de Satanás no cinema nacional*. USP, 2011.

JORGGE, Adriana. *A dita cuja*. Inédito.

KASPER, Walter; LEHMANN, Karl *et al. Diabo, Demônios e Possessão: da realidade do mal*. Trad. Silvino Arnhold S.J. São Paulo: Loyola, 1992.

KOLTUV, Barbara Black. *Libro de Lilith*. Trad. Rubens Rusche. São Paulo: Cultrix, 1997.

LAGO, Ângela. *Muito Capeta*. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 2004.

LE GOFF, Jacques. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Trad. Hilário Franco Jr. Bauru: Edusc, 2002.

LINK, Luther. *O Diabo*: a máscara sem rosto. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MESSADIÉ, Gerald. *História geral do Diabo*: da Antiguidade à Época Contemporânea. Trad. Alda Sophie Vinga. Portugal: Europa-América, 2001.

MILES, Jack. *Deus – uma Biografia*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORAL, Ricardo Pinheiro. *El olvido do Diabo*. Salamanca: Luso-espanhola Ediciones, 2006.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do Diabo*. Trad. Maria H. Kühner. São Paulo: Bom Texto, 2001.

NDIAYE, Marie. *A diaba e sua filha*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

PAGELS, Elaine. *As origens do Satanás*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PAPINI, Giovanni. *O Diabo*: apontamentos para uma futura Diabologia. Trad. Fernando Amado. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

QUEVEDO, G. Oscar. *Antes que os demônios voltem*. São Paulo: Loyola, 1989.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar o mal:* da Ponerologia à Teodiceia. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulinas, 2011.

RIBAS, João Carvalhal. *As fronteiras da demonologia e da psiquiatria*. São Paulo: Edigraf, 1964

RICE, Anne. *Vitório, o vampiro*. Trad. Alberto Lopes. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RICONDO, Ignácio María Suárez. *Discusión teológica sobre los ángeles i los demonios en el siglo XX*: Thesis ad doctoratum im sacra theologia totakiter edita. Buenos Aires: Pontificia Universitas Sanctae Crucis, Facudas Theologie, La Stampa: 2008.

QUEIRÓZ, Julio. *Pelas Frestas da Caverna – Ensaios*. Org. Salma Ferraz. Blumenau: Furb, 2013.

SCHNOEBELEN, William. *Lúcifer Destronado*. Trad. Milton Azevedo Andrade. Rio de Janeiro: Danprewant, 2003.

SIMÕES, Bárbara; DAIBERT JR, Robert. *Escrituras de Deus e do Diabo* – ensaios de religião, história e literatura. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

SISTO, Celso. *A noiva do Diabo*. Chapecó: Grifos, 2000.

STANFORD, Peter. *O Diabo*: uma biografia. Trad. Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

TILLICH, Paul. *Filosofia de la religion*. Buenos Aires: La Aurora, 1969.